

Real: um plano à procura de apoio.

O deputado federal Osmundo Rebouças (PMDB-CE) vai procurar amanhã as principais lideranças do Congresso Nacional para expor o Plano Real, que propõe a desindexação da economia através da criação de um novo padrão monetário. O objetivo do deputado é obter apoio para a aprovação do projeto de lei de sua autoria, que será apresentado no próximo dia 11. Na sua opinião, o apoio do PMDB e do PFL, que formam a maioria no Parlamento, será fundamental para que o novo plano de combate à inflação seja aprovado.

O plano já foi entregue ao deputado Ulysses Guimarães, que ainda não teve tempo de analisá-lo mais detalhadamente. O deputado Osmundo Rebouças passou o dia de ontem tentando falar com Ulysses mas não conseguiu pois o presidente do PMDB esteve ocupado com os preparativos para a solenidade da promulgação da nova Constituição. O deputado cearense disse que continuará tentando mobilizar as lideranças para que o Plano Real consiga o apoio necessário para ser aprovado. E adiantou: "O doutor Ulysses achou o projeto bom".

Armadilha

A divulgação do Plano Real, de autoria do economista Chico Lopes, um dos pais dos planos Cruzado e Bresser, criou uma armadilha para o governo, segundo avaliação feita ontem no Palácio do Planalto. "Este plano não poderia ter surgido numa hora pior", comentaram assessores do presidente. Eles acreditam que a grande publicidade conferida ao novo plano pela imprensa poderá trazer danos à política de combate à inflação.

A "armadilha", no caso, estaria numa das características do próprio plano, que prevê, de forma implícita, uma hiperinflação do cruzado. Essa hiperinflação ocorreria naturalmente, pois os empresários, convencidos da aplicação de um novo choque, estimulariam um superaquecimento dos preços. Assim chegariam ao novo padrão monetário com os preços mais altos, para convertê-los em mais unidades da nova moeda — o real.

Deste modo, está criada a "armadilha". Se o governo admitir que vai estudar o novo plano, estará deflagrando o processo de hiperinflação do cruzado. E, mesmo que no final dos estudos decida não adotar o plano, já encontrará o

País mergulhado na hiperinflação provocada pelo anúncio dos estudos. Diante disso, será obrigado a adotar o plano, mesmo achando que ele não obteria êxito.

Mas o governo se apresenta dividido quanto à idéia de promover uma desindexação da economia.

Enquanto uns acham que se trata de uma medida necessária para um perfeito saneamento da economia, outros são de opinião que é mais seguro continuar com a política do "feijão-com-arroz". O ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, já se declarou simpatizante da desindexação. Mas foi em seguida obrigado a expedir uma nota oficial, descartando qualquer hipótese nesse sentido, ao ser alertado pelo Palácio do Planalto sobre os perigos da "armadilha" do Plano Real.

Outros técnicos do governo opinam ainda que o Plano Real pode ser recessivo, levando o governo a zerar o déficit público não em 1990, como pretende, mas imediatamente. Isso porque o plano impõe grande controle ao governo. Um outro defeito, segundo estes economistas, seria o de criar uma situação complexa de convivência de dois padrões monetários.

Mais apoio

O economista Chico Lopes começou ontem à noite a buscar apoio político para a sua proposta: foi encontrar-se com o governador do Rio, Moreira Franco, seu colega dos tempos da faculdade, para explicar detalhes do Plano Real. Segundo Lopes, o governador não se comprometeu a apoiar o plano, mas compartilhou das mesmas preocupações do economista, sobretudo quanto ao risco de hiperinflação.

Chico Lopes previu que o Plano Real poderia reduzir a inflação para 2% ao mês sem necessidade de o governo alterar o acordo da dívida externa firmado com os credores. Segundo o economista, a dívida externa está relacionada com a inflação, mas é, de certa maneira, uma questão independente, a ser discutida pelo Banco Central e sem ter sua política fixada por lei.

Quanto às críticas de falta de condições para viabilizar o plano no momento, feitas até pelo ministro João Batista de Abreu, Chico Lopes disse que todos podem criticar, desde que apresentem alternativas.



Osmundo: "O dr. Ulysses achou bom".